

**HIPÉRBOLE E ARGUMENTAÇÃO:
ORIENTAÇÃO PARA O ENSINO**

Joana D'arc O. Canônico (FAETEC/RJ)
canonico@rjnet.com.br

RESUMO

No momento em que se busca a objetividade dos enunciados e, ao mesmo tempo, precisa-se adicionar um caráter de espetáculo aos fatos relatados, para demonstrar a abrangência e a grandiosidade dos acontecimentos, o uso da *hipérbole* vem-se apresentando, com insistência, no discurso das colunas políticas e editoriais jornalísticos. Constatamos a importância desses elementos, na construção argumentativa do diálogo escritor/leitor, em modelos textuais dessa natureza. Verificamos que tais recursos dão suporte à retórica do enunciador, contribuindo para a disseminação de sua visão de mundo.

O presente trabalho pretende apresentar a análise feita em alguns livros didáticos, em que se verificou o tratamento que estes manuais reservam à *hipérbole*, no Ensino Médio. Analisamos livros que apresentam a rubrica do MEC, órgão responsável, também, pela organização dos PCNs, por julgá-los divulgadores da proposta de ensino que defendem. Em seguida, pretende-se discutir o uso da referida figura, em um texto de editorial jornalístico. Propomos um estudo desta figura no nível lexical, analisando as palavras responsáveis pelo sentido hiperbólico; e no nível morfológico, em que demonstraremos os constituintes na formação de alguns vocábulos. Posteriormente, observaremos a macroestrutura textual, para depreender as relações de sentido que se articulam com a figura, na produção dos discursos, cujo objetivo retórico é a persuasão. Sob esta perspectiva, privilegiaremos a língua em funcionamento, utilizada como elemento de interação e, sobretudo, de veiculação de visão de mundo do jornalista.

Palavras-chave: Discurso, Hipérbole, Ensino.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais que norteiam o ensino de língua materna, na escola, destacam a prioridade de se trabalhar os conteúdos linguísticos, objetivando o desenvolvimento das habilidades e competências dos alunos, para a efetiva prática da linguagem. As pesquisas em torno da língua apontam para a urgência de se perceber o texto como o veículo pelo qual as idéias e valores materializam-se, nas sociedades, por meio de palavras.

É, até certo ponto, consenso entre os educadores que o ensino da língua não pode resumir-se à identificação e fixação de conteúdos, como se apresenta em muitos livros didáticos. Considera-se que o de-

envolvimento das habilidades e competências que instrumentalizarão o aluno, para o uso do idioma, exigem reflexão sobre a língua e aplicação funcional das regras lingüísticas.

Passados os primeiros anos de aprendizado da língua, em que são ensinadas as noções básicas dos conteúdos da linguagem, o aluno do Ensino Médio encontra-se em condições de refletir sobre o idioma e interagir com modalidades textuais cada vez mais complexas, que lhes darão subsídios para compreensão de diferentes textos que circulam, em sociedade. É por meio deles que o leitor analisa a realidade social da qual faz parte, para sobre ela inferir. É, pois, neste momento, que o ensino das *figuras de linguagem*, muitas vezes iniciado no Ensino Fundamental, consubstancia-se. Espera-se que o educando, nesta fase do aprendizado, tenha amadurecimento lingüístico para perceber nuances de significado, internalizar certos conhecimentos de língua e aplicá-los, na produção dos próprios textos.

Tais orientações exigem que o material didático que chega às mãos do professor seja coerente com o postulado pelas diretrizes de ensino, para o desenvolvimento cabal do educando, permitindo-lhe conhecimento lingüístico que lhe dê condições de posicionar-se diante da realidade na qual se insere.

No momento em que se busca a objetividade dos enunciados e, ao mesmo tempo, precisa-se adicionar um caráter de espetáculo aos fatos relatados, para demonstrar a abrangência e a grandiosidade dos acontecimentos, o uso da *hipérbole* vem-se apresentando, com insistência, no discurso das colunas políticas e editoriais jornalísticos. Constatamos a importância desses elementos, na construção argumentativa do diálogo escritor/leitor, em modelos textuais dessa natureza. Verificamos que tais recursos dão suporte à retórica do enunciador, contribuindo para a disseminação de sua visão de mundo.

O presente trabalho pretende apresentar a análise feita em alguns livros didáticos, em que se verificou o tratamento que estes manuais reservam à *hipérbole*, no Ensino Médio. Analisamos livros que apresentam a rubrica do MEC, órgão responsável, também, pela organização dos PCNs, por julgá-los divulgadores da proposta de ensino que defendem. Em seguida, pretende-se discutir o uso da referida figura, em um texto de editorial jornalístico.

A HIPÉRBOLE NOS MANUAIS DE ENSINO MÉDIO

O primeiro livro verificado, de Leila Lauer Sarmento e Douglas Tufano, *Português: Literatura, Gramática e Produção de Textos*, publicado em volume único, apresenta a chancela do MEC através do código PNLEM 2006⁵. A obra tem seu conteúdo organizado separadamente em três seções, conforme título.

Embora os autores apresentem um capítulo (primeiro) destinado à “Arte da palavra”, em que fazem um resumo das formas e importância da linguagem, em que comentam as possibilidades de comunicação humana, antes mesmo da palavra e explicam a exploração artística do real pelo texto literário, é na parte destinada à “Produção de Textos”, intitulada “relação entre sentido e contexto” (cap. 44) que os autores abordam, entre outros conceitos, os relativos às figuras. Utilizando como abertura a música “*Metáfora*” de Gilberto Gil, explicam que figuras são “recursos semânticos usados para realçar e dar maior expressividade às palavras, permitindo empregá-las num sentido diferente do convencional” (360).

Dentre as nove figuras relacionadas, sem critério definido, encontra-se a *hipérbole*, definida como “uma figura de linguagem que ocorre quando se escolhe usar uma palavra ou expressão exagerada, em geral para dar maior ênfase à frase” (361). A exemplificação apresenta o verso de Drummond “...mas a poesia deste momento inunda minha vida inteira”. A explicação utilizada enfatiza a *hipérbole* como recurso da frase, e não se evidencia o discurso do produtor, representado pela *hipérbole*, na frase; aspecto que se deve frisar, ao se ensinar a figura.

Outro livro analisado, credenciado pelo MEC/06, foi *Língua Portuguesa* de Heloísa Harue Takazak, cuja apresentação é também em volume único. Na apresentação, a autora destaca que seu livro aborda “a linguagem, como geradora de significação e organizadora do mundo e da própria identidade...”.

O volume expõe os assuntos de forma diferente da convencional⁶. Organizado em vinte e quatro capítulos, distribuídos por áreas de

⁵ Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio

⁶ Normalmente, a organização é feita em: gramática, Literatura e Produção Textual.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

interesse, os tópicos são diluídos pelo livro em subtítulos: em Língua, por exemplo, há uma explanação concisa de textos que discutem o uso da língua; Literatura apresenta alguns modelos de textos literários. O livro leva ao conhecimento do aluno, variados textos que circulam em sociedade (imprensa, discurso político-religioso...), e oferece dois apêndices, cuja discussão é “Questões de Estilo”, em que são apresentados os períodos literários; “Linguística e Gramática” com enfoque nas estruturas linguísticas. A autora reservou o estudo das figuras para a seção de gramática, após conceitos de regência verbal, apesar de abordar diferentes modelos textuais, ao longo do livro.

A explicação sobre as figuras informa-nos que “permitem a quem fala ou escreve sugerir conteúdos subjetivos ao que está sendo dito” (353). Em seguida, é apresentada uma relação de dez figuras, sem nenhum critério aparente. A *hipérbole* é definida pela autora como a que “consiste em exagerar uma idéia com objetivo de enfatizá-la” (356). A exemplificação é oferecida com fragmentos de música de Cazuzza: “Paixão cruel desenfreada/ te trago mil rosas roubadas” (Idem).

A partir da proposta feita na introdução do livro, a autora aborda textos variados, mas apenas como modelos textuais formalmente diversos, perdendo a oportunidade de apresentar os discursos distintos, produzidos com textos de objetivos diferentes e contratos de comunicação específicos. Outro equívoco percebido é a discussão das figuras na seção de conceitos gramaticais, mesmo destacando-se que sugerem “conteúdos subjetivos”. Porque não em “questão de estilo”?

Os autores William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães autores do livro seriado – *Português Linguagens: Literatura, Produção de Textos e Gramática* –, apresentam uma proposta de produção de textos “desenvolvida com um enfoque inovador: a dos gêneros textuais ou discursivos, procurando dar conta dos diferentes gêneros que circulam socialmente, como a notícia (...) o editorial, o texto dissertativo-argumentativo”, conforme destacam os autores. No capítulo 6, volume I, Língua: uso e reflexão, em Introdução à estilística: figuras de linguagem, são introduzidos os conceitos sobre figuras. Após uma relação de figuras citadas sem critérios definidos, os autores utilizam dois versos (Queria querer gritar setecentas mil vezes/ Como são lindos, como são lindos os burgueses!) para destacar que “o eu-lírico”, com a intenção de impressionar o interlocutor exagera ao

dizer o número de vezes que queria querer gritar como são lindos os burgueses” (69). A definição dos autores é de que “Hipérbole é a figura de linguagem que consiste em expressar uma idéia com exagero”. Os autores apresentam o conceito de figuras pertinente ao texto literário, não se envolvem nas questões discursivas. Quando oferecem exercícios de “Semântica e interação”, privilegiam a imagem não-verbal.

Outro autor verificado foi de Douglas Tufano, *Estudo de Língua e Literatura*, volume I. O livro apresenta-se didaticamente dividido em duas partes: a primeira reservada à Literatura, separando distintamente Teoria Literária de História da Literatura. A segunda parte coube à Gramática. No capítulo 8, da primeira parte, o autor introduz os conceitos referentes às figuras, com o subitem “uma forma especial de escrever” (ou de dizer?). Embora advirta que não são “exclusivos da Literatura, esses recursos de expressão, chamados **figuras de linguagem**, são muito explorados pelos escritores” (52-3).

O autor divide as figuras em três grupos, “conforme o nível em que ocorrem”⁷ (53). Relacionada entre as figuras de pensamento e com explicação etimológica: “do grego hipperbolé (“ação de lançar sobre”), Tufano explica que “ocorre a hipérbole quando, para realçar uma idéia, exageramos na sua apresentação” (56). Os exemplos são apresentados ao acaso: “Estou morrendo de sede! Vou beber alguma coisa” (idem).

O quinto livro analisado foi *Novas Palavras*, volume I, dos autores: Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio. O volume traz três divisões: Literatura, reservado aos conceitos literários; Gramática, destinada aos conceitos da estrutura da Língua e Redação e Leitura, dedicada à produção textual. Os autores nada apresentam sobre as figuras.

Letras e Contextos: Língua, Literatura e Redação em volume único, de autoria de Rose Jordão e Clenir Bezezi de Oliveira, apresenta-se dividido em três partes: Língua, Literatura e Redação. Curiosamente, as noções sobre figuras de linguagem e níveis de significação são apresentados em apêndice final, desvinculado do corpo do livro,

⁷ O autor não explica quais são os níveis, apenas relaciona as figuras.

apesar de haver um capítulo dedicado a questões referentes à importância das palavras, no texto. Ora, por que não inserir as figuras neste capítulo? Que são as figuras senão palavras comuns em uso especial, intencional?

No tópico referente às figuras, as autoras explicam que “para dar novas dimensões e novos significados às palavras existem vários recursos semânticos, fonéticos, morfológicos ou sintáticos denominados **‘figuras de linguagem’**” (163). A hipérbole, classificada como recurso semântico, é assim definida e exemplificada: “Na hipérbole ocorre o exagero de uma idéia que engrandece ou diminui o objeto em questão: “Chorei bilhões de vezes com a canseira/ de inexorabilíssimos trabalhos!” (Augusto dos Anjos)” (613). Como não se faz outra observação, tem-se a impressão de que “recursos semânticos”, “fonéticos” e “morfológicos” são conceitos dissociados das palavras, sem relação com a produção e leitura de textos. Quanto à definição de hipérbole, metalinguagem pura: o que quer dizer “engrandece ou diminui o objeto em questão”? De que forma esta informação contribui para a reflexão linguística do aluno?

Ernani Terra e José de Nicola são os autores de *Português: de olho no mundo do trabalho*, obra que apresenta o carimbo PNLEM/2006/FNDE- Ministério da Educação. O livro direcionado ao Ensino Médio apresenta seu conteúdo em um único volume dividido em Produção de Textos, Gramática e Literatura. As figuras de linguagem são apresentadas no capítulo 2- *A linguagem literária*, Literatura. Classificadas como “palavras” usadas para fazer “associações de imagens muitas vezes inusitadas”, podem ser consideradas, às vezes como “desvios como reforço de mensagens”. Os autores reconhecem “três tipos de figuras”: de sintaxe, pensamento e palavras. A hipérbole, classificada entre as figuras de pensamento, segundo os autores “consiste na exageração (*sic*) de uma idéia”.

Conforme verificado nos vários livros direcionados ao Ensino Médio, o conceito da *hipérbole*, como das demais figuras, continua sendo ensinado em forma de metalinguagem que nada acrescenta à competência comunicativa do aluno. Tampouco a visão de texto como unidade significativa, em que vários aspectos se interagem, para construir sentido, é explorada pelos autores selecionados. Nossa proposta de trabalho com o texto jornalístico pretende explorar mecanismos linguísticos e extralinguísticos que julgamos pertinentes, para se fazer

a leitura crítica e reflexiva de textos da mídia, aliando o saber necessário ao desenvolvimento linguístico dos estudantes.

UMA ALTERNATIVA AO ENSINO DA HIPÉRBOLE

Nos livros didáticos analisados, as figuras são exploradas como recursos literários e, às vezes, publicitários, raramente são apresentadas em outros gêneros textuais. O texto é “uma unidade de sentido”; a macroestrutura textual é construída de pequenas unidades relacionadas coerente e coesivamente, para formar o todo significativo. Quando se analisam as palavras isoladamente, sem levar em conta tais fatores, está-se sujeito a incorrer em erros de interpretação, pois se perde o efeito de conjunto e, conseqüentemente, o discurso produzido não é captado.

Lei é considerar, como salienta Costa Val (1999: 10), os “fatores pragmáticos da textualidade” que interferem na produção dos enunciados. O texto é um discurso lançado em direção ao leitor, com quem o escritor pretende dialogar. A *intencionalidade* está presente para alcançar a *aceitabilidade* almejada pelo produtor textual, quando planeja seu texto. Nesta etapa, analisaremos um texto de Villas Boas Correa, colunista político do Jornal do Brasil e verificaremos com que medida a *hipérbole* faz parte da estratégia do jornalista, na seleção dos termos que favoreçam a recepção da mensagem, pelo destinatário. A intenção é oferecer leituras possíveis do texto à luz das teorias discursivas, para sugerir um olhar mais atento aos recursos da *hipérbole*, na construção dos discursos textuais. Pretendemos demonstrar como palavras comuns articulam-se em torno de um discurso premeditado, gerando sentido novo.

Segundo Baccaga (2000: 32), “toda palavra dirige-se a um interlocutor presente ou ausente (o outro): ou seja, há sempre um auditório estabelecido (...), e procura persuadir, convencer...” Ressaltaremos as pistas deixadas pelo escritor e que devem ser decifradas pelo leitor, para a concretização do diálogo. A escolha léxica, a ordem dos termos no enunciado, a preferência por determinados períodos são apenas alguns fatores que consideraremos para decodificar as idéias. Comprovaremos que a *hipérbole* se presta a todos estes artifícios discursivos. Ela é uma figura que favorece a argumentação, possibilita variadas construções e pode constituir-se em fragmentos ou, até mesmo, unidades textuais.

Alguns teóricos sustentam, com frequência, que os índices de persuasão estão inscritos no próprio texto em marcas perceptíveis na cadeia discursiva, verdadeiras "pistas" que se oferecem ao desvendamento textual; acreditamos que, com frequência, são legitimadas pela *hipérbole*. Para Fiorin (1997: 52) "o ato de comunicação é um complexo jogo de manipulação..." e as *hipérboles* funcionam como peças importantes deste jogo, como observaremos. Suárez Abreu (1997: 52) também vê nesta categoria de figura "recursos linguísticos a serviço da persuasão" e Citteli (1994: 21) entende que "as figuras são utilizadas para criar efeitos ideológicos". Demonstraremos que este suporte pode-se dar com termos, orações e períodos, cujos sentidos são construídos pela *hipérbole*.

Certamente outras figuras povoam a organização do texto da coluna política articulando-se globalmente em sua estruturação. A linguagem figurada é utilizada pelos colunistas como elemento facilitador do discurso, pois transmite coloquialidade, é expressiva, sugere familiaridade. O presente estudo da *hipérbole* mostrará particularidades pouco ou nada exploradas em estudos convencionais. A variedade de construções *hiperbólicas* ultrapassa os modelos apresentados pelos textos didáticos, que privilegiam apenas palavras isoladas, sem se deterem nos aspectos de construção textual, com o objetivo que propomos.

Em *Gramática da Língua Portuguesa*, Vilela e Koch (2001:18) consideram que o sistema linguístico é o resultado de uma intrincada combinação de morfemas e lexemas que associados "resultam grupos de palavras, frases, textos...". Sustentam ainda que as palavras (plano lexical) relacionam-se entre si sintática e textualmente construindo um todo significativo, numa relação sintagmática e/ou paradigmática, que servirá à comunicação; é neste uso que devemos considerar não a *hipérbole*, mas o sentido hiperbólico criado pelas palavras. Nossa intenção é percorrer este caminho na investigação do texto proposto: apresentar uma análise inicialmente das palavras isoladas, posteriormente, apresentaremos um estudo dos constituintes de certos vocábulos considerados hiperbólicos. Em seguida demonstraremos de que forma os vocábulos se completam, configurando um sentido *hiperbólico* no nível frásico, em estruturas sintáticas simples e complexas. Finalmente, investigaremos como os conceitos retóricos são articulados com o respaldo da figura citada, organizando-se em forma de discurso, para se

configurarem como textos.

A hipérbole e a subjetividade do enunciador: uma leitura textual

Selecionamos para esta fase a coluna intitulada “O que Lula perdeu com a copa” (Villas Bôas Corrêa/05/07/2006) que será assim esquematizada: por considerá-la texto argumentativo destacaremos o assunto, a temática abordada, o título sugerido e a tese defendida pelo enunciador. Para a análise, estabelecemos o seguinte critério: separamos as palavras responsáveis pelo campo semântico do sentido *hiperbólico*, por classe, comentando-as; na seqüência apresentamos um estudo dos constituintes de alguns vocábulos, para demonstrar que o sentido *hiperbólico* muitas vezes encontra-se na formação da palavra, como afirma Ullmann (1964). A etapa posterior será de análise da relação dos termos - na construção textual-, para identificar, por meio das pistas deixadas pelo enunciador, a produção do sentido hiperbólico, que sugere intenções por trás das palavras.

Texto I - O que Lula perdeu com a copa

JB 05/07/2006 – Villas Bôas Corrêa (repórter político)

Nem a mais insidiosa má vontade pode criticar o comportamento de surpreendente bom senso e inusitado comedimento do candidato-presidente Lula ao longo da fase de delirante euforia até a catástrofe vexaminosa da Seleção de Parreira e dos supercraques humilhados pela França do veterano Zidane, em provação nacional só comparável com a de 66, na Copa da Inglaterra, quando o Vicente Feola emplacou a proeza de disputar um campeonato do mundo sem escalar o time titular.

Águas passadas. O nosso presidente-candidato em campanha em tempo integral desde o começo do ano é um confessado fanático por futebol. Se não chegou a ser um aspirante a Pelé, depois de passar pelo Senai para conquistar a habilitação para o primeiro emprego como torneiro mecânico, foi um peladeiro habilidoso, que não brigava com a bola e cumpria uma extravagante rotina com os colegas. Á hora do almoço, mal soava a sineta da fábrica, a turma disparava com o pesado macacão e as botas de couro áspero para o boteco. Despejavam na goela dois ou três cálices e corriam para a pensão onde se empanturravam com a gororoba. Dali, corriam para o campinho de terra para a pelada que terminava com o apito da fábrica.

Tal esquema de treinamento não formou nenhum titular dos clubes que disputam campeonatos oficiais. Mas consolidou a paixão do presidente

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

pelo futebol e ajuda a entender o seu exemplar comportamento com a Seleção do Parreira, que se encontrou na Europa para cumprir o compromisso de conquistar o hexacampeonato, considerado por todo mundo como favas contadas, mera formalidade para a entrega da taça ao capitão recordista Cafu.

Lula conteve-se, imagina-se com que sacrifícios. E cumpriu os ritos clássicos. Num dos improvisos da safra de candidato, foi perfeito na definição do seu relacionamento: o presidente não tem que se meter com a Seleção. Desdenhou dos supostos dividendos eleitorais no caso da conquista do hexa e dos prejuízos na fatalidade de um insucesso. Em suma, precatado, vacinou-se.

Portanto, não é mais do dever da isenção reconhecer a esperteza do drible nas incertezas do quique da bola. Também não é caso de fugir da especulação calcada na evidência. O presidente manteve a solidariedade no conforto do telefonema a Parreira em cima da desclassificação. E fechou a boca.

É fácil imaginar que a moderação cederia o espaço às mais espalhafatosas expansões de entusiasmo se a Seleção desembarcasse em Brasília com o caneco. Lula não chegaria ao exagero de desfilar no carro de bombeiros pelas amplas avenidas da capital. Mas a recepção no Palácio do Planalto seria de arromba, com a multidão ocupando a Praça dos Três Poderes, foguetório, banda de música. A subida da rampa junto com os campeões, em impulso incontrolado de exaltação, com o boné verde-amarelo enfiado na cabeça, seria um dos momentos culminantes do espetáculo. E não faltariam as embaixadas e a troca de passes com o Ronaldinho Gaúcho, o Robinho, o Kaká.

A imagem do presidente sortudo seria explorada à exaustão nos comícios e nos programas do horário de propaganda eleitoral, com o recado à gratidão do voto.

Sem o hexa, antes mesmo de curada a ressaca da decepção e da raiva, a campanha baixa à realidade. O chorrilho dos escândalos é inesgotável, a cada dia abastecido por arrepiantes revelações.

À mais recente, nada falta para compor o quadro perfeito, com a denúncia encaminhada pelo Tribunal de Contas da União (TCU) ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) dos nomes dos 2.900 políticos, administradores públicos, pilhados em graves irregularidades que poderiam torná-los inelegíveis. Logo repetida pelo esclarecimento que a suspeita lei eleitoral permite que os acusados recorram à justiça, o quanto basta para escancarar a porteira e permitir que disputem a eleição e, uma vez eleitos, tomem posse e esqueçam o susto.

O presidente do TCU, Adylson Motta, em dueto com o presidente do TSE, ministro Marco Aurélio Mello, lamentam “a falha terrível na lei que permite que um simples recurso suspenda os efeitos da decisão do Tribunal” e engrosse a farra da impunidade.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Mais um para o cordão dos mensaleiros, da gangue do caixa 2, da quadrilha organizada que sacudiu o núcleo do governo e desmantelou a cúpula do PT.

Na fila, os 15 deputados federais investigados pelo STF de envolvimento na roubalheira das ambulâncias superfaturadas, em golpe típico de bandido, terão seus nomes preservados pelo religioso respeito ao sigilo. O próprio STF encaminhou a lista dos mafiosos à CPI dos sanguessugas com a expressa recomendação do cuidado com o sigilo para não respingar lama na turma enterrada no pântano até o gogó.

1- Análise geral do texto

Embora o foco sejam os vocábulos produtores de sentido hiperbólico, para uma visão ampla do texto argumentativo, iniciaremos com identificação dos elementos principais deste tipo de texto: o assunto abordado, a temática discutida, o título sugerido, a tese defendida pelo colunista e os argumentos responsáveis pela defesa do ponto de vista.

Assunto: a perda eleitoreira do governo com a saída da seleção brasileira da copa.

Tema: o autor pretende criticar os escândalos do governo Lula, especificamente os “2.900 políticos, administradores públicos pilhados em graves irregularidades”.

Tese: o texto parte de um ponto de vista: a hipótese sobre como seria a homenagem aos jogadores, caso a seleção brasileira tivesse conquistado o “hexa”, de toda a exploração eleitoreira do evento e do bônus do governo com o fato, mas na verdade o que se quer criticar são as irregularidades do governo.

Título: “O que Lula perdeu com a copa”.

No desenvolvimento textual, Villas Boas comenta o que o governo perdeu com a derrota precoce da seleção, na Copa do Mundo. O texto é todo em linguagem hiperbólica, embora analisando as palavras isoladamente não se tenha esta idéia, o que comprova que o efeito de sentido hiperbólico, muitas vezes, é conseguido na totalidade das partes, no relacionamento entre as idéias. Optamos por analisar o sentido de cada parágrafo isoladamente:

Primeiro parágrafo: O colunista mostra-se surpreso com o

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

comportamento do Presidente ao manter-se calado diante da derrota da seleção na Copa; donde se infere que o comportamento de Lula é de opinar sobre futebol.

Segundo parágrafo: Para justificar o amor que o Presidente tem por futebol (percebido por toda a nação e frequentemente exacerbado em suas metáforas futebolísticas), o autor vai ao passado de Lula e relata para o leitor os tempos de operário do presidente e suas atividades de jogador.

Terceiro parágrafo: Apresenta as razões que fizeram do Presidente um apaixonado por futebol.

Quarto parágrafo: Comenta o sacrifício do Presidente mantendo-se calado frente à derrota da seleção, cumprindo o que havia prometido durante os jogos: não se intrometer.

Quinto parágrafo: Demonstra entender a atitude do Presidente.

Sexto Parágrafo: Supõe a atitude do Presidente, caso a seleção tivesse vencido.

Sétimo parágrafo: Continuação do anterior: os dividendos da vitória.

Oitavo, nono e décimo parágrafos: O colunista volta à realidade para explicar os inúmeros escândalos que o governo continua enfrentando sem a conquista do hexa, o que ajudaria a suavizar os casos.

Conclusão: termina em tom de crítica ao STF por pedir sigilo aos nomes dos envolvidos na CPI dos sanguessugas.

Área semântica de termos hiperbólicos: levantamento dos vocábulos por classes

O léxico de uma língua é composto por palavras gramaticais e palavras lexicais que, juntas, se articulam para produzir o efeito de sentido textual desejado. As primeiras, segundo Martins (1997), são unidades utilizadas para relacionar, recuperar, substituir termos na oração, desempenhando papel relevante na organização sintática e semântica dos elementos da seqüência textual. Fazem parte deste universo os artigos, pronomes, advérbios, conjunções, preposições, etc.

As segundas, palavras nocionais – substantivos, adjetivos, advérbios, verbos –, são responsáveis por criarem em nossa mente uma significação externa à língua, remetendo ao mundo extralingüístico dos falantes.

Sant’anna (1997) explica que toda palavra possui o significado de base (denotativo) que pode gerar novos sentidos, de acordo com o uso que se faz dele; a autora lembra ainda que a tonalidade afetiva de certos vocábulos, características que despertam emoções, pode estar ligada diretamente à palavra ou pode ser fruto de uma escolha particular em determinado contexto. Na seleção vocabular dos textos das colunas e editoriais, pretendemos demonstrar que as palavras responsáveis pela construção do sentido hiperbólico ora apresentam a tonalidade responsável pelo sentimento enfático despertado, ora constroem o sentido na relação com as demais.

Selecionaremos algumas palavras utilizadas pelo jornalista neste texto como recurso hiperbólico para captar a atenção do leitor.

As primeiras relacionam-se ao sentido nocional: são substantivos abstratos, afetivos, como *euforia*, *paixão*, *exaltação*, *proeza*, *espetáculo* que trazem em si a carga emotiva que o colunista pretende expressar, utilizados aqui para enfatizar sentimentos positivos, dando-lhes maior realce. Outro grupo de substantivos abstratos composto por *provação*, *sacrifícios*, *fatalidade*, *chorrilho*, *escândalos*, *catástrofe*, *ressaca*, também apresentam valoração emotiva, realçando o sentimento de revolta do colunista com o fato comentado. Já os substantivos *multidão*, *quadrilha* e *mafiosos* apresentam características hiperbólicas na acepção coletiva/pejorativa dos termos. *Foguetório*, *roubaleira*, *peladeiro* têm no sufixo a força da significação enfática/pejorativa. Em *supercraques* o prefixo “super” que segundo Sant’anna (1997: 114) “serve para exagerar uma qualidade” agregado a craque, acrescenta o juízo de valor hiperbólico.

Da mesma forma, os adjetivos selecionados neste texto contribuem em maior grau para intensificar o sentido ora negativo ora positivo do assunto abordado: são adjetivos com sentido hiperbólico utilizados para realçar visão positiva no texto: *surpreendente*, *inusitado*, *delirante*, *fanático*, *sortudo*, *arrepiantes*, *inesgotável*, todos relacionados ao presidente. Outros adjetivos escolhidos para intensificar sentido negativo são: *vexaminosa*, *humilhados*, *integral*, *extravagante*, *es-*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

palhafatosas, graves, expressa, pilhados, insidiosa, que dizem respeito à atuação da seleção.

Pertencem ainda à categoria de palavras nocionais formadoras de sentido hiperbólico, os verbos e locuções verbais: *emplacou, disparrava, corriam, lamentam, desdenhou, despejavam, empanturravam, , sacudiu, desmantelou*.

Expressões denotativas como *mera formalidade, de arromba, à exaustão, cordão dos mensaleiros, golpe típico de bandido* ou conotativas: *favas contadas, escancarar a porteira, respingar lama, enterrada no pântano até o gogó*, também reafirmam o sentido hiperbólico do texto.

Destacamos também palavras gramaticais que sugerem sentido hiperbólico no texto. Pronomes como *nada, todo* indefinidos por classificação, apresentam características próprias, como ensinam Cintra & Cunha (1995: 350): “o caráter de totalidade inclusiva” em *todo*; e o “de totalidade exclusiva” em *nada*. Utilizados como expressão quantitativa, a extensão de sentido se aplica ao exagero. Apesar de pronomes indefinidos, seu aspecto generalizador define o que está sendo dito. Diferem, por exemplo, de pronomes como *alguém, alguns*, que possibilitam a pergunta quem, quantos? *Todo e nada* trazem implícita a idéia de totalidade.

Estudo de vocábulos hiperbólicos

O objetivo desta etapa da pesquisa é analisar a formação de alguns vocábulos responsáveis pela construção do sentido avaliativo e hiperbólico do texto, para demonstrar que muitas vezes a noção de ênfase já se encontra nos constituintes que formam a palavra, um caso de motivação morfológica, de acordo com Ulmann. De acordo com Sant’anna (1997: 80), “o elemento avaliativo pode ser acrescentado a um lexema por um sufixo ou prefixo”, caso que julgamos ocorrer com certos vocábulos selecionados.

Palavras formadas por prefixação

- a) *super*craques: o prefixo latino *super* (posição acima, excesso) acentua o caráter hiperbólico do termo, pois o substantivo *craque*

por si só apresenta valor superlativo, uma vez que se refere a “jogador de qualidades excepcionais” ou “pessoa exímia em determinada atividade”.

Palavras formadas por sufixação

- a) peladeiro: o sufixo *eiro* apresenta duas características de uso; pode indicar profissão ou acrescentar a ” idéia de intensidade, aumento”, caso em que é empregado no texto, adepto de peladas.
- b) foguetório: o sufixo *ório* indica “ação, pertinência”, no caso da passagem onde se encontra, acreditamos tratar-se da ação de soltar “muitos fogos”.
- c) roubalheira: o sufixo *eira* denota intensidade, aumento, acrescentado à palavra roubo amplia o sentido do vocábulo indicando ação que se intensifica e se alastra.
- d) humilhados, pilhados: o sufixo *ado* formador de adjetivo pode indicar “provido de ou cheio de”, conforme a gramática. Utilizado para intensificar o ocorrido com nossos jogadores.
- e) vexaminosas, insidiosa, espalhafatosas: o sufixo *oso(osa)* indica, segundo a gramática, “cheio de” empregado para intensificar o sentido de vexame, insídia e espalhafato acrescentam aos radicais significação hiperbólica.
- f) sortudo: o sufixo *udo* apresenta o sentido de “cheio de”, “provido de” e enfatiza a palavra sorte.
- g) arrepiantes: o sufixo *ante*, formador de adjetivos a partir de verbos, acrescenta ao radical em que se insere a idéia de estado, qualidade daquilo que causa arrepio ou horror (como no texto).

Análise do vocábulo hiperbólico na construção do sentido textual

A língua portuguesa oferece a seus usuários uma gama considerável de vocábulos capazes de satisfazer às diferentes necessidades de comunicação. Permite, ainda, dentro de regras especiais, a criação de novos termos, caso sejam necessários à expressividade. Para a ordenação destes vocábulos, há inúmeros modelos de construções fra-

sais, sem que se distanciem dos padrões pré-estabelecidos de coesão e coerência, fatores responsáveis pela organização de sentido textual.

Os vocábulos apresentam-se de modo frio e adormecido, como ensina Drummond (1983: 176): “estão paralisados, mas não há desespero / há calma e frescura na superfície intata / ei-los sós e mudos, em estado de dicionário...” à espera da habilidade do escritor para lhe conferir significados por meio da seleção, combinação e organização, na seqüência frasal.

A língua escrita muitas vezes não permite a quem escreve a possibilidade da réplica, característica do diálogo presencial. Traduzir em palavras o significado do que se vai à mente é trabalho árduo e requer habilidade e intimidade com o idioma. Lapa (1991) ensina que as palavras apresentam valores diferentes: sentimental, relacionados aos sentimentos e emoções (tonalidade emotiva), e intelectual, cujo objetivo é colocar-nos diante do mundo perceptível. Dosar estes elementos e articulá-los em um texto cabe à competência do escritor. Uma possibilidade é a utilização de palavras ou expressões que condensam sentidos e emprestam ao contexto em que se inserem valor expressivo tal que dispensam explicação, como, no caso, as hipérboles.

As palavras, isoladamente, pouco ou nada significam. É na relação estabelecida com as demais que se contagiam e, somadas, configuram o sentido textual. No primeiro parágrafo do texto em discussão, composto de um único período, o uso de adjetivos valorativos, carregados de *tonalidade afetiva*, configuram à passagem o tom hiperbólico necessário para despertar as emoções do leitor. Segmentemos o período, para melhor compreensão:

Nem a mais insidiosa má vontade pode criticar o comportamento de surpreendente bom senso e inusitado comedimento do candidato-presidente Lula... Observemos que não é apenas “a má vontade”, mas *a mais insidiosa má vontade*. A escolha do adjetivo (insidiosa), carregado de significação e o grau superlativo relativo de superioridade acentuam a carga semântica deste fragmento, ressaltando o caráter hiperbólico da passagem; se não bastasse, o comportamento do presidente é de *surpreendente bom senso* e *inusitado comedimento*. Observemos que todos os adjetivos apresentam forte carga emotiva e são deliberadamente antepostos aos substantivos, conferindo-lhes subjetividade e intenção de despertar a atenção do leitor para uma situa-

ção inconcebível.

Na seqüência do período lemos: *ao longo da fase de delirante euforia até a catástrofe vexaminosa da Seleção de Parreira e dos supercraques humilhados pela França do veterano Zidane, em provação nacional só comparável com a de 66, na Copa da Inglaterra, quando o Vicente Feola emplacou a proeza de disputar um campeonato do mundo sem escalar o time titular*: a expressão *ao longo*, embora signifique *no transcorrer*, contaminado pela seqüência da frase em que o espírito do torcedor vai de *delirante euforia* (não é apenas animação, é um transe, uma loucura), à *catástrofe vexaminosa* (um grande desastre, uma vergonha calamitosa) deixa a impressão de que o time participou da Copa por um período bem maior do que realmente foi e reflete o espírito do brasileiro, hiperbólico, emocional. Os jogadores são *supercraques* e não foram apenas derrotados, mas *humilhados* (rebaixados, tratados com desprezo), *em provação nacional* (infortúnio de todos, mesmo sabendo que nem todos apreciam futebol); *só* (palavra denotativa de exclusão para demonstrar que o feito apresenta um precedente na história, o episódio parece único) *comparável com a de 66, na Copa da Inglaterra, quando o Vicente Feola emplacou a proeza* (ironicamente falando, façanha, grande feito) *de disputar um campeonato do mundo sem escalar o time titular*.

Após o longo período para demonstrar surpresa com a atitude do presidente e apresentar um juízo de valor sobre o desempenho da seleção brasileira, o articulista inicia o segundo parágrafo com uma metáfora (*águas passadas*), para fazer uma retrospectiva da vida do presidente. Aqui também a seleção vocabular é exemplar para os fins a que se propõe o colunista. Em atitude francamente tendenciosa, ele seleciona vocábulos hiperbólicos, de conotação valorativa, em linguagem propositalmente popular para descrever a rotina do então metá-lúrgico Luís Inácio Lula da Silva:

Águas passadas. O nosso presidente-candidato em campanha em tempo integral desde o começo do ano é um confessado fanático por futebol. Se não chegou a ser um aspirante a Pelé, depois de passar pelo Senai para conquistar a habilitação para o primeiro emprego como torneiro mecânico, foi um peladeiro habilidoso, que não brigava com a bola e cumpria uma extravagante rotina com os colegas. À hora do almoço, mal soava a sineta da fábrica, a turma disparava com o pesado macacão e as botas de couro áspero para o boteco. Despejavam na goela dois ou três cálices e corriam para a pensão onde se empanturravam com a gororoba. Dali, corriam para o campinho de terra para a pelada que terminava com o apito da fábrica.

O primeiro período serve para remeter o leitor ao passado do presidente: *Águas passadas*; no segundo, o escritor sutilmente coloca o leitor como parceiro de seu discurso, desmente Lula e afirma hiperbolicamente que ele sempre esteve em campanha: “*O nosso presidente-candidato em campanha em tempo integral desde o começo do ano é um confessado fanático por futebol*”, aqui também o efeito de sentido é conseguido pelo tom hiperbólico dos adjetivos (integral/fanático).

O segundo período *Se não chegou a ser um aspirante a Pelé, depois de passar pelo Senai para conquistar a habilitação para o primeiro emprego como torneiro mecânico, foi um peladeiro habilidoso, que não brigava com a bola e cumpria uma extravagante rotina com os colegas* é composto por orações variadas e palavras nitidamente opinativas, selecionadas para passar juízo de valor: *aspirante a Pelé, passar pelo Senai, conquistar a habilitação, peladeiro habilidoso, cumpria extravagante rotina*.

No terceiro período, percebemos que a *extravagante rotina* consistia em: *À hora do almoço, mal soava a sineta da fábrica, a turma disparava com o pesado macacão e as botas de couro áspero para o boteco. Despejavam na goela dois ou três cálices e corriam para a pensão onde se empanturravam com a gororoba. Dali, corriam para o campinho de terra para a pelada que terminava com o apito da fábrica*. Palavras e expressões do terceiro período, como “mal soava”, “despejavam”, “pesado macacão”, “botas de couro áspero”, carregadas de juízo de valor e termos hiperbólicos, se completam com a seqüência e o tom pejorativo do quarto período: “despejavam na goela” (e não bebiam), “corriam para a pensão” (em vez de iam), “empanturravam com a gororoba” (e não almoçavam).

O terceiro parágrafo do texto, iniciado em tom de deboche *Tal esquema de treinamento não formou nenhum titular dos clubes que disputam campeonatos oficiais*, serve para introduzir o argumento que justifica a origem da “paixão” (e não gosto) do presidente por futebol: *Mas consolidou a paixão do presidente pelo futebol e ajuda a entender o seu exemplar comportamento com a Seleção do Parreira, que se encontrou na Europa para cumprir o compromisso de conquistar o hexacampeonato, considerado por todo mundo como favas contadas, mera formalidade para a entrega da taça ao capitão recordista Cafu*; a oração iniciada por *mas* explica o comportamento do presidente frente à derrota da seleção. A expressão quantitativa “todo mundo”

acrescenta o tom hiperbólico à passagem; segundo Ilari & Geraldini (1995: 19-20) “...utilizar na oração expressões quantitativas é de algum modo ‘predicar a respeito de predicados’ ”, denotando a opinião que o colunista quer tornar crível.

No quarto parágrafo, comenta o colunista:

Lula conteve-se, imagina-se com que sacrifícios. E cumpriu os ritos clássicos. Num dos improvisos da safra de candidato, foi perfeito na definição do seu relacionamento: o presidente não tem que se meter com a Seleção. Desdenhou dos supostos dividendos eleitorais no caso da conquista do hexa e dos prejuízos na fatalidade de um insucesso. Em suma, pecatado, vacinou-se.

Villas Boas diz que o presidente cumpriu os “ritos clássicos”, “foi perfeito”, nos “improvisos da safra de candidato”.

No quinto parágrafo, o colunista justifica a atitude do presidente-candidato, empregando vocabulário do campo semântico do futebol, para destacar o comportamento recatado, comedido, e silencioso, como pedia a situação.

Portanto, não é mais do dever da isenção reconhecer a esperteza do drible nas incertezas do quique da bola. Também não é acaso de fugir da especulação calcada na evidência. O presidente manteve a solidariedade no conforto do telefonema a Parreira em cima da desclassificação. E fechou a boca.

Ao supor, no sexto parágrafo, qual a atitude de Lula, caso a seleção tivesse sido vitoriosa, o colunista é totalmente hiperbólico, como seria a reação do presidente.

É fácil imaginar que a moderação cederia o espaço às mais espalhafatosas expansões de entusiasmo se a Seleção desembarcasse em Brasília com o caneco. Lula não chegaria ao exagero de desfilar no carro de bombeiros pelas amplas avenidas da capital. Mas a recepção no Palácio do Planalto seria de arromba, com a multidão ocupando a Praça dos Três Poderes, foguetório, banda de música. A subida da rampa junto com os campeões, em impulso incontido de exaltação, com o boné verde-amarelo enfiado na cabeça, seria um dos momentos culminantes do espetáculo. E não faltariam as embaixadas e a troca de passes com o Ronaldinho Gaúcho, o Robinho, o Kaká.

No sétimo parágrafo, Villas Boas continua com seu comentário hipotético e hiperbólico: *A imagem do presidente sortudo seria explorada à exaustão nos comícios e nos programas do horário de propaganda eleitoral, com o recado à gratidão do voto.*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A partir do oitavo parágrafo até o final, o colunista volta à realidade e aos hiperbólicos escândalos que se apresentam em profusão, neste governo:

Sem o hexa, antes mesmo de curada a ressaca da decepção e da raiva, a campanha baixa à realidade. O chorrilho dos escândalos é inesgotável, a cada dia abastecido por arrepiantes revelações. Parágrafo de seleção vocabular totalmente hiperbólica, com adjetivos e substantivos enfáticos e valorativos.

O mesmo ocorre com o subsequente:

À mais recente, nada falta para compor o quadro perfeito, com a denúncia encaminhada pelo Tribunal de Contas da União (TCU) ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) dos nomes dos 2.900 políticos, administradores públicos, pilhados em graves irregularidades que poderiam torná-los inelegíveis. Logo rebatida pelo esclarecimento que a suspeita lei eleitoral permite que os acusados recorram a justiça, o quanto basta para escancarar a porteira e permitir que disputem a eleição e, uma vez eleitos, tomem posse e esqueçam o susto.

O décimo parágrafo apresenta um caso explícito de polifonia com a transcrição do pronunciamento do presidente do TCU em discurso direto, empregando “discurso de autoridade” para dar a falsa impressão de fidedignidade ao comentário:

O presidente do TCU, Adylson Motta, em dueto com o presidente do TSE, ministro Marco Aurélio Mello, lamentam “a falha terrível na lei que permite que um simples recurso suspenda os efeitos da decisão do Tribunal” e engrosse a farra da impunidade.

Os dois últimos parágrafos completam o tom hiperbólico e indignado do colunista, com palavras do campo semântico do crime: “cordão dos mensaleiros”, “gangue do caixa 2”, “quadrilha organizada”, “sacudi”, “desmantelou”, “roubalheira”, “superfaturadas”, “lista dos mafiosos”, “respingar lama”, “enterrada no pântano até o gogó”: *Mais um para o cordão dos mensaleiros, da gangue do caixa 2, da quadrilha organizada que sacudi o núcleo do governo e desmantelou a cúpula do PT.*

Na fila, os 15 deputados federais investigados pelo STF de envolvimento na roubalheira das ambulâncias superfaturadas, em golpe típico de bandido, terão seus nomes preservados pelo religioso respeito ao sigilo. O próprio STF encaminhou a lista dos mafiosos à CPI dos sanguessugas com a expressa recomendação do cuidado com o sigilo para não respingar lama na turma enterrada no pântano até o gogó.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*Referências teóricas*⁸

ABREU, Antônio Suárez. *A arte de argumentar*. São Paulo: Ateliê Cultural, 1999.

———. *Curso de redação*. 11ª ed. São Paulo: Ática, 2000.

ARMENGAUD, Françoise. *A pragmática*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BACCEGA, Maria Aparecida. *Palavra e discurso*. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2000.

BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral*. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri. 5ª ed. Campinas: Pontes, 2005.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Contribuição à estilística portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

———. *Dicionário de lingüística e gramática*. 20ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

CANÔNICO, Joana Darc de Oliveira. *A construção do discurso argumentativo nas colunas políticas do jornal: o papel das figuras de pensamento*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Faculdade de Educação e Letras da Uerj, 2002.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 15ª ed. São Paulo: Ática, 2000.

———. *O texto argumentativo. Ponto de apoio*. São Paulo: Scipione, 1994.

———. *Texto jornalístico e educação*. **In:** *Letras e comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa*. Org. José Carlos de Azeredo. Petrópolis: Vozes, 2001.

⁸ Observação: Para maior compreensão, optou-se por acrescentar os títulos dos livros de Patrick Charaudeau (*Discurso Político e Discurso das Mídias*, 2006) no corpo do trabalho.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e textualidade*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CUNHA, Celso & CINTRA Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Edusp, 1997.

———. *As astúcias da enunciação*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

LAPA, M. Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LEROY, Maurice. *As grandes correntes da lingüística moderna*. 5ª ed. São Paulo: Cultrix, 1971.

MARTINS, Nilce Sant'anna. *Introdução à estilística*. 2ª ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1997.

ULLMANN, Stephen. *Semântica- uma introdução à ciência do significado*. Trad. de J.A. Osório Mateus. 5ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

VILELA, Mario e KOCH, Ingedore Villaça. *Gramática da língua portuguesa- gramática da palavra- gramática da frase- gramática do texto/discurso*. Coimbra: Almedina, 2001.

Livros didáticos consultados

AMARAL, Emília et alii. *Novas Palavras: Literatura, gramática, redação e leitura*. São Paulo: FTD, 1997.

CEREJA, Roberto Willian & MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português linguagens: literatura, produção de textos, gramática*. Ensino Médio: vol I: 4 ed. ver. e ampl. São Paulo: Atual, 2006.

GUIMARÃES, Florianete & GUIMARÃES, Margaret. *A gramática lê o texto*. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 1998.

INFANTE, Ulisses. *Do texto ao texto*. 5ª ed. ver. e ampl. São Paulo: Scipione, 1998.

JORDÃO, Rose & BELLEZI, Clenir de O. *Letras e contextos: língua, literatura e redação*. Ensino Médio: vol. único. 1ª ed. São Paulo: Escala Educacional, 2005.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

PLATÃO & FIORIN. *Para entender o texto*. Leitura e redação. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

SARMENTO, Leila Lauer & TUFANO, Douglas. *Português: literatura, gramática e produção de texto*. Vol. único: 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2004.

SARMENTO, Leila Lauer. *Gramática em textos*. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2000.

TAKAZAKI, Heloísa Harue. *Língua portuguesa*. Ensino Médio: vol. único: 1ª ed. São Paulo: IBEP, 2004.

TERRA, Ernani & NICOLA, José de. *Português: de olho no mundo do trabalho*. Ensino Médio. 1ª ed. São Paulo: Scipione, 2006.

———. *Redação para o segundo grau: pensando, lendo e escrevendo*. São Paulo: Scipione, 1996.